

Procuram-se alunos

Descontos nas mensalidades e facilidades nas transferências para atrair os candidatos

Nívia Carvalho

Os anúncios nos jornais oferecem descontos nas mensalidades, facilidades nas transferências e um endereço pertinho do estudante. Por vezes, o chamariz é um *outdoor* ou uma página da Internet. Tudo para atrair uma clientela que, por ter diminuído nesta década, acaba por provocar ferrenha disputa entre as faculdades e universidades particulares. Os números do Ministério da Educação dão a dimensão exata da crise: o percentual de jovens universitários caiu de 11,3% dos brasileiros entre 18 e 24 anos, em 1990, para 9,3% em 1994.

O total de alunos matriculados nessas instituições de ensino cresceu apenas 1,17% entre 1991 e 1994 (11.264 alunos) — último dado disponível no MEC. Isso depois de um aumento de 18,29% (148.391 estudantes) entre 1985 e 91. A crise faz com que muitas universidades realizem até quatro vestibulares por ano para preencher vagas em dezenas de cursos. Mesmo assim sobram vagas em algumas carreiras. Um dos motivos da crise, dizem reitores e a presidente do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais (Inep), Maria Helena Guimarães Castro, é o desinteresse dos jovens pelo diploma universitário.

Até a Uerj visita escolas à procura de futuros engenheiros

Carolina Rozensztajn, de 23 anos, por exemplo, abandonou o curso de desenho industrial numa faculdade privada e não se arrepende.

— O diploma certamente não forma um *designer* de interiores, o que eu quero ser. Faço cursos de decoração e aposto na experiência que venho adquirindo para ter sucesso na profissão — diz a decoradora, que trabalha numa loja na Zona Sul do Rio.

Antônio José Martins Batista sequer ingressou numa universidade. Apesar de ser de uma família de classe média, sem problemas para financiar os estudos, ele preferiu partir logo para o mercado de trabalho. De início, foi trabalhar numa loja num dos principais shoppings de Brasília, onde mora, e logo depois foi contratado como operador de telemarketing de uma grande empresa de TV por assinatura. Aos 21 anos, ganha cerca de mil reais por mês em comissões, mais do que professores e outros profissionais que têm curso superior completo.

A crise, embora mais grave para as instituições privadas, também aflige as públicas. A Universidade do Estado do Rio de Janeiro tem um programa de captação de alunos. Com visitas às turmas de Segundo Grau de escolas da Tijuca, professores da Faculdade de Engenharia querem atrair futuros estudantes para o curso que tem cada vaga disputada por 12 candidatos no vestibular.

— Houve época que eram 30 candidatos por vaga — recorda-se o diretor do curso, Nival Nunes de Almeida.

O aumento do número de matrículas no Segundo Grau nos últimos anos, no entanto, entusiasma os dirigentes das universidades e faculdades pagas. Enquanto no início da década se formavam cerca de 650 mil jovens, agora con-

cluem o curso quase um milhão de estudantes. Por isso essas instituições investem tanto em marketing, em equipamentos e prédios e, apesar do minguado número de alunos, têm aumentado o total de vagas em alguns cursos à espera desses estudantes.

Atualmente, na procura por clientela, há instituições que vão onde o estudante está, seja mudando o curso de lugar ou espalhando prédios por vários bairros e municípios. Mais do que nunca respeitam a lei da oferta e da procura. Pesquisas de mercado direcionam a manutenção ou não de cursos, aqui ou acolá. A Faculdade da Cidade, que tem cerca de seis mil alunos matriculados em suas cinco escolas, desistiu de manter o curso de letras em Ipanema, Zona Sul da cidade, porque não havia alunos.

Depois de uma pesquisa, o curso foi transferido para o Méier, Zona Norte. No primeiro vestibular, no ano passado, não chegava a um a relação entre candidato e vaga. Neste ano, a relação foi de 1,8 candidato por vaga.

— Um sinal de que Ipanema não tem perfil para esse curso — afirma o diretor de Desenvolvimento Institucional da faculdade, Paulo Alonso.

Pelo mesmo motivo, a faculdade transferiu também para a Zona Norte o curso de ciências contábeis e manteve na Zona Sul o de comunicação social, dança e turismo, por exemplo. Apesar da adequação, sobram 13 vagas no curso de dança e seis no de biologia. E isso depois de ter realizado três vestibulares — um no fim do ano passado, um em janeiro, outro em julho — e programado o quarto para agosto.

Estácio de Sá distribui campus por quatro municípios

Por falta de alunos, a Universidade Gama Filho não mantém mais o curso de serviço social. No último concurso, no ano passado, somente cinco candidatos se inscreveram.

— Os candidatos, agora em número menor, não mais optam por determinadas carreiras, já que não há mercado de trabalho — analisa o vice-reitor da universidade, Manoel Tubino.

Em apenas um ano, 479 candidatos deixaram de prestar o vestibular da universidade, que mantém 28 cursos de graduação e que começou a funcionar há 58 anos. A pulverização do campus não seduz a Gama Filho, que concentra a maioria de seus 28 cursos na Piedade, subúrbio do Rio. Tubino argumenta que esse campus e os prédios em Jacarepaguá satisfazem todas as necessidades dos alunos, venham eles de onde vierem. Tem a seu favor o fato de quase 20% dos alunos terem vindo de outros estados e de municípios do interior.

A Estácio de Sá, criada há 27 anos, não pensa assim. A instituição espalha o campus por cinco pontos da cidade, além de Campos, Resende, Niterói e Friburgo. Apesar do esforço, porém, a redução do número de candidatos e o desprestígio de algumas profissões concorrem para o insignificante número de inscrições em alguns cursos. Nos de museologia e o de música oferecidos pela Estácio se inscreveram, respectivamente, apenas dois e seis candidatos no vestibular de meio de ano.



CAROLINA ROZENSZTAJN, que abandonou o curso na faculdade privada: 'O diploma não forma o designer de interiores, o que quero ser'

Zeca Fonseca